

COMUNICAR, INSURGIR

Engajamentos metodológicos
na pesquisa em Comunicação

Olívia Pilar
Ana Guerra
Alessandra Brito
(Organizadoras)



COMUNICAR, INSURGIR

Engajamentos metodológicos
na pesquisa em Comunicação

Olívia Pilar
Ana Guerra
Alessandra Brito
(Organizadoras)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitora: Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Alessandro Fernandes Moreira

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Bruno Pinheiro Wanderley Reis
Vice-Diretora: Thais Porlan de Oliveira

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Coordenador: Bruno Souza Leal
Sub-Coordenador: Carlos Frederico de Brito D'Andréa

SELO EDITORIAL PPGCOM

Bruno Souza Leal
Nísio Teixeira

CONSELHO CIENTÍFICO

Ana Carolina Escosteguy (PUC-RS)	Kati Caetano (UTP)
Benjamim Picado (UFF)	Luis Mauro Sá Martino (Casper Líbero)
Cezar Migliorin (UFF)	Marcel Vieira (UFPB)
Elizabeth Duarte (UFSM)	Mariana Baltar (UFF)
Eneus Trindade (USP)	Mônica Ferrari Nunes (ESPM)
Fátima Regis (UERJ)	Mozahir Salomão (PUC-MG)
Fernando Gonçalves (UERJ)	Nilda Jacks (UFRGS)
Frederico Tavares (UFOP)	Renato Pucci (UAM)
Iluska Coutinho (UFJF)	Rosana Soares (USP)
Itania Gomes (UFBA)	Rudimar Baldissera (UFRGS)
Jorge Cardoso (UFRB UFBA)	

www.seloppgcom.fafich.ufmg.br

Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, sala 4234, 4º andar
Pampulha, Belo Horizonte - MG. CEP: 31270-901
Telefone: (31) 3409-5072

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C741 Comunicar, insurgir [recurso eletrônico] : engajamentos metodológicos na pesquisa em Comunicação / Organizadoras
Olívia Pilar, Ana Guerra, Alessandra Brito. – Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86963-08-3

1. Comunicação – Pesquisa – Brasil. 2. Conhecimento.
I. Pilar, Olívia. II. Guerra, Ana. III. Brito, Alessandra.

CDD 302.23

Elaborado por Maurício Armormino Júnior – CRB6/2422

CRÉDITOS DO E-BOOK

© PPGCOM/UFMG, 2020.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Atelier de Publicidade UFMG

Bruno Guimarães Martins

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Daniel Melo Ribeiro

DIAGRAMAÇÃO

Lucas Henrique Nigri Veloso

O acesso e a leitura deste livro estão condicionados ao aceite dos termos de uso do Selo do PPGCOM/UFMG, disponíveis em:
<https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/termos-de-uso/>

| Sumário

PREFÁCIO	11
Urgência e fabulação no ato insurgente da pesquisa Ângela Marques e Eduardo de Jesus	
APRESENTAÇÃO	15
Olívia Pilar, Ana Guerra e Alessandra Brito	
PARTE 1: PLATAFORMAS DIGITAIS E PRODUÇÃO DE SENTIDO	19
CAPÍTULO 1	21
A politização no cerne do processo comunicativo: uma proposta metodológica para abordar conversações online Elisa Beatriz Ramírez Hernández	
CAPÍTULO 2	39
A experiência do <i>flâneur</i> 2.0: conversas entre jogadores e mundos digitais Iuri Francisco Mustafa Cordeiro	
CAPÍTULO 3	57
Dinâmicas de voz, lugar de fala e silenciamento: racismo, Internet e velhos desafios a partir do caso “Peppa NÃO!” Deize Paiva	
CAPÍTULO 4	71
Homofobia entre homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens: te(n)sões entre masculinidades no aplicativo Grindr Ettore Medeiros	

PARTE 2: SOCIABILIDADE, GÊNERO E RAÇA	91
CAPÍTULO 5	93
O racial é propriamente comunicacional	
Pâmela Guimarães-Silva	
CAPÍTULO 6	109
Movimentos sociais em rede, feminismos contemporâneos e as representações da mulher na publicidade — contornos de um novo contexto	
Letícia Alves Lins	
CAPÍTULO 7	129
Refletindo sobre gênero: corpos textualizados, textos corporificados	
Juliana Soares Gonçalves	
CAPÍTULO 8	147
“A flor também é ferida aberta”: reflexões acerca de apontamentos feitos à cantora Elza Soares sobre seu lugar social	
Barbara Lima	
PARTE 3: PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO AUDIOVISUAL	163
CAPÍTULO 9	165
A queda e o tormento do passado em devaneios	
Leonardo Amaral	
CAPÍTULO 10	181
Luz, câmera, violência doméstica: representações da violência doméstica em O Outro Lado do Paraíso	
Danielle Silva Peixoto	
CAPÍTULO 11	201
As funções sociais do espaço de ensino para estudantes negros bolsistas em escolas particulares: uma análise de Malhação: Viva a diferença	
Olívia Pilar	

CAPÍTULO 12	219
A monstra diaba e a bixa espectadora	
Luiz Rangel dos Reis Junior	
PARTE 4: COMUNICAÇÃO E EXPERIÊNCIAS ESTÉTICA	239
CAPÍTULO 13	241
Peripatético Gráfico: Primeiros Passos	
Diego Belo	
CAPÍTULO 14	261
Experiência corporal in loco e evento musical: Reflexões teórico-metodológicas a partir das noções de “performance” e “presença”	
Rafael Andrade de Oliveira e Silva	
PARTE 5: COMUNICAÇÃO E INSURGÊNCIAS	279
CAPÍTULO 15	281
O cartaz, o corpo e a política das ruas: cenas coletivas de enunciação	
Rubens Rangel Silva	
CAPÍTULO 16	295
A Imagem Tática: reflexões sobre o papel das imagens na atuação do MLB	
Aiano Bemfica Mineiro	
CAPÍTULO 17	311
Agrotóxicos e saúde: controvérsias sobre a questão agrícola e caminhos de pesquisa possíveis	
Agatha de Souza Azevedo	
PARTE 6: ESTUDOS DE JORNALISMO	327
CAPÍTULO 18	329
Entre a Lava Jato e a #VazaJato — o que diz os editoriais sobre jornalismo e democracia no Brasil	
Giselle Aparecida de Oliveira Pinto	

CAPÍTULO 19	349
A interseccionalidade de opressões que atuam sobre meninas vítimas de violência sexual exibidas em telejornais policiais	
Chloé Leurquin	
PARTE 7: SOCIABILIDADE E CIDADES	365
CAPÍTULO 20	367
Itabira à espera de dois acontecimentos: o rompimento de barragens e a exaustão das minas de minério de ferro	
Marlene Pereira Machado	
CAPÍTULO 21	381
Rastros, dissensos e desconstruções: uma busca pelo processo de subjetivação de travestis e mulheres trans da Av. Pedro II de Belo Horizonte	
Tomás German	
AUTORES	395
ORGANIZADORAS	399

CAPÍTULO 16

A Imagem Tática: reflexões sobre o papel das imagens na atuação do MLB

AIANO BEMFICA MINEIRO

Introdução

O presente artigo propõe uma primeira aproximação da prática de registro e comunicação no interior do Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas — uma organização nacional de luta por moradia, que tem as ocupações urbanas como uma de suas principais ferramentas. Para tanto, parto de um lugar múltiplo e multi-situado como pesquisador, militante do MLB e realizador dentro deste contexto que permitirá — através das experiências coletivas vivenciadas ao longo dos últimos sete anos, do diálogo com outras pesquisas e da articulação com documentos programáticos de movimentos sociais — apresentar um primeiro panorama sobre o papel tático dessas imagens.

Se Arturo Escobar (2007) propõe que os movimentos sociais são agentes centrais para a superação das consequências segregadoras do desenvolvimento e aprofundamento do capitalismo e, para Catherine Walsh, é necessário pensar desde suas formas de praticar as políticas

epistemológicas e sociais (WALSH, 2005), a aposta em um texto que parte da experiência e imersão na construção de registros e comunicações insurgentes vai de encontro a um esforço emancipador dentro da própria academia. Constituindo, então, um lugar de reflexão e análise próximo ao que Walter Mignolo entende como “pensamento de fronteira” (MIGNOLO, 2012), onde a produção científica se propõe a “construir vínculos estratégicos entre grupos e saberes subalternos” (WALSH, 2005, p. 31).

Ao longo do texto, espero dar conta de responder a algumas questões fundamentais que, como sugerem Amaranta César (2013) e Nicole Brenez (2017), permeiam essas imagens em relação aos seus contextos: “por que fazer uma imagem, que imagem e como? Com quem e para quem? Contra que outras imagens ela se confronta? Por que?” (CESAR, 2017, p.106). E, assim, realizar um primeiro acercamento que nos permita pensar os modos de participação política das imagens dentro da luta por moradia.

O céu está pesado

“O Céu está pesado”, escreve Georges Didi-Huberman ao introduzir o catálogo da exposição Levantes (2017), fazendo menção ao recrudesimento das políticas e práticas nas relações internacionais e internas de países Europeus com parte do mundo (aquela parte que eles historicamente insistem em subjugar). Pois, se estão todos os ombros sob um mesmo céu, também por aqui, no sul global, sentimos o peso e o avanço de forças políticas que, por vias bem mais amplas e diversas que as institucionais, vão tornando o ar em torno de nós mais pesado e os dias com menos luz. Entre o peso e as sombras, parece ter sentido dizer que “tempos sombrios são tempos de chumbo”, afinal, “eles não só impedem nossa capacidade de ver mais além e, com isso, de desejar, mas são pesados, pesam em nossos ombros, em nossas cabeças, sufocam nossa capacidade de querer e de pensar” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p.15). Mas é justamente entre as agonias e ansiedades produzidas pelo peso desse nosso tempo que, em resposta a todo o chumbo que nos oprime, surgem com especial força os levantes — sejam eles os menores dos gestos ou uma grande mobilização de massas capazes de modificar

rumos inteiros da política de um país. É assim, como um levante, que proponho olhar para o disruptivo gesto de ocupar um terreno protagonizado pelas famílias sem-teto organizadas junto ao Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (doravante MLB).

Ao fazê-lo é preciso ter em conta que, mais que a questão da habitação em si, em jogo em um ato como este, “ao se tornarem fatos públicos, as ocupações passam a disputar e influir no campo simbólico dominante, propondo (e cobrando) outras formas de se olhar para o mundo e para as relações entre as pessoas” (BEMFICA; ALMEIDA, 2018, p. 32). Dessa forma,

Movidas pelas máximas “enquanto morar for um privilégio ocupar é um direito” e “pela reforma urbana e pelo socialismo”, as ocupações organizadas pelo MLB se transformam em “ideias-ações” capazes de mobilizar, além de sem-tetos e sem-terras, uma rede de aliados de diferentes origens que se somam à ação a fim de construí-la (BEMFICA; ALMEIDA, 2018, p. 32).

Em seu artigo “A Marcha Nacional dos Sem-terra: estudo de um ritual político”, Christine Chaves chama a atenção para a busca, por parte dos movimentos sociais, de legitimidade política através da produção de ações diretas que têm as formas de visibilidade como uma de suas táticas, fazendo dos rituais públicos gestos capazes de construir novas legitimidades e de propor outros ordenamentos sociais (CHAVES, 2002). Desse modo, quando pensamos a atuação de movimentos de luta por moradia na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), como o MLB, a dimensão pública de suas ações aparece como uma importante ferramenta de disputa e ressignificação.

Assim, para além da permanência ou não das famílias dentro do terreno e da estabilidade da comunidade, existe no gesto em si uma força insurgente e disruptiva que, dando-se nas margens (margem da cidade, do Estado e até mesmo da legalidade), vem carregada de potência de transformação, configurando-se como o que Fernando Coronil (2000, p. 5) define como “Focos de Resistência”: “em resposta aos focos de riqueza e poder político concentrados, estão surgindo focos crescentes de resistência cuja riqueza e força residem, em contraste, em sua diversidade e

dispersão”. Se, em tempos de chumbo, todo levante precisa de uma força, parece justo deixar ecoar a pergunta de Didi-Huberman: “não é evidente — para que ela se exponha e se transmita — ser necessário que tenha uma forma?” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p.20). Entendendo, então, que podemos ver as imagens produzidas na luta por moradia protagonizada pelo MLB como manifestações dessas forças insurgentes.

Ao longo dos últimos anos, a produção de imagens vinculadas aos atos públicos e processos políticos protagonizados pelo MLB têm se consolidado como uma prática permanente e exercido fundamental importância no desenvolvimento dos atos políticos em curso. Judith Butler, ao analisar o que chama de “cobertura comprometida” — política de estado estadunidense para a cobertura das guerras que protagonizou no último período —, afirma que a “comunicação estruturou ativamente nossa apreensão cognitiva da guerra” (BUTLER, 2015, p. 103). Tal prática, ao ser colocada em uso dentro de tão complexo contexto político, evidencia a centralidade da construção da narrativa e a força que operam as imagens no campo das disputas em uma situação de conflito. Reconhecer isso implica em conferir também à produção de imagens, no contexto das lutas sociais, uma importante centralidade na medida em que as imagens realizadas fora da perspectiva dominante guardam a capacidade de re-enquadrar, nos termos de Butler (2015), a narrativa hegemônica, de interferir no curso dos eventos e propor um outro olhar sobre os fatos, uma outra ética.

A imagem tática: a produção de imagens em movimento dentro do MLB

Nicole Brenez (2017) sugere que a recente profusão de formas de se produzir e fazer circular imagens — especialmente através das ferramentas digitais — amplia as possibilidades de construção de narrativas mais autônomas. Assim, “à tradicional dupla desinformação-contrainformação é preciso agora apresentar o termo Ur-informação, a informação original, na medida em que ela precede a informação oficial, essa que explora para deformar, simplificar e trair” (BRENEZ, 2017, p. 88). No caso do MLB, o domínio de toda a cadeia de produção, finalização

e circulação de imagens e a intensificação de seu uso, em especial na RMBH, vem se desenvolvendo de forma intensa, orgânica e aliada à diretrizes nacionais de ampliação da atuação política.

Enquanto movimento social, sua elaboração prática e teórica tem como um de seus centros a organização de famílias sem-teto, assumindo a luta territorial como um de seus principais eixos — através da ocupação de imóveis e áreas que não cumprem sua função social para a constituição de comunidades. Mais de 20 anos após sua fundação, o MLB, que hoje está presente em 17 estados da federação, afirma em um de seus principais documentos programáticos que, diante da situação de ampla desigualdade e injustiça que se configura nas cidades brasileiras e do aprofundamento da crise do capital que acirra ainda mais as desigualdades, é preciso “fazer mais ocupações, garantir a resistência e impedir os despejos; desenvolver o trabalho comunitário nos bairros populares e organizar lutas pelo direito à saúde, educação, creche, transporte, pelos direitos das mulheres etc.” (MLB, 2014, p. 20). Para tanto, aliada à luta e ação direta, é igualmente fundamental ampliar a capacidade de mobilização e de articulação nos territórios, de articulação das diferentes pautas e de ampliação da capacidade de propaganda das ideias que permeiam e sustentam esse conjunto de ações (MLB, 2014). É justamente em resposta a essa leitura, e compreendendo a necessidade de ampliação do trabalho organizado, que são elaborados — de forma muito aliada à prática — os processos de produção e circulação de imagens que apresentarei a seguir.

À medida que a produção de imagens em movimento foi se tornando mais frequente e orgânica dentro do MLB, ela foi sendo sistematizada e repensada. Entre as orientações e objetivos políticos mais amplos, as demandas locais e os desafios impostos pela prática em campo, com a câmera nas mãos, foi-se consolidando uma metodologia de trabalho que hoje orienta a constituição dessa prática em outros estados do país. Abaixo apresentarei alguns de seus aspectos mais fundamentais, entretanto, cabe destacar que não se trata — em nenhuma medida — de uma receita. A realidade de cada experiência, de cada ato público e de cada localidade é sempre a referência maior para constituir-se um registro com a potência necessária.

Representado pela Figura 4, o primeiro aspecto fundamental é a compreensão de que a comunicação (seja por qualquer meio, linguagem ou formato), está sempre formada por cinco objetivos centrais que se permeiam e influenciam mutuamente:



Figura 1: Orientações que constituem a comunicação e o registro dentro do MLB.
Fonte: diagrama produzido pelo autor.

Diálogo com a linha política do movimento

Tanto os objetivos mais amplos, aqueles que norteiam o trabalho político como um todo, como aqueles relacionados à atividade específica em curso (uma ocupação em um terreno que deve permanecer, um ato de denúncia de um crime, a pressão em tal ou qual órgão público etc.) devem ser o norte permanente do trabalho, sendo fundamental a reavaliação e diálogo permanente junto ao coletivo de direção responsável sobre o curso dos eventos, assim atualizando, continuamente, o modo como a comunicação responderá a eventuais mudanças.

Constituição de Memória e Acervo

Seja no campo público, a partir da circulação das imagens em si, ou internamente, na constituição de acervos para uso ou consulta a posteriori, a produção de imagens está diretamente associada à disputa da história e à constituição da identidade. Possíveis de serem usadas para consolidar a narrativa sobre um ato, uma comunidade ou um período, as imagens podem ser revisitadas de diversas formas: novos conteúdos,

filmes, processos formativos, atos públicos, exibição junto às comunidades. Considerando que a memória é um importante elemento para a constituição e reafirmação da identidade, partilhar imagens é partilhar práticas, histórias, constituir espaços de reflexão sobre o passado e, logo, de elaboração sobre o futuro. No caso da produção fílmica, especificamente, esse acervo tem sido o ponto de partida para várias obras.

Produção de Conteúdo para as Redes

Sendo as redes sociais o principal território de disputa narrativa utilizada pelos movimentos sociais, as imagens, fixas ou em movimento, cumprem um papel fundamental no decorrer dos atos. Chamadas por Nicole Brenez de *ur-informação* (BRENEZ, 2017), são capazes de, mais que apenas relatar passivamente os fatos, produzir mudanças objetivas no decorrer dos eventos. Sendo as imagens agentes capazes de reorganizar forças, mobilizar redes de solidariedade, reverberar enquanto denúncia e de mudar, concretamente, a dimensão pública de um evento ou suas consequências.

Apoio Jurídico

A relação com o Grupo de Trabalho Jurídico, ou com as pessoas responsáveis pelo apoio jurídico localmente, inicia-se desde o momento de preparação de uma cobertura/registro. Tão fundamental quanto a linha política, as orientações legais atuam ativamente ao menos em três aspectos: orientação sobre as ênfases na narrativa que apoiem a legitimidade da ação; diretrizes sobre eventuais violações que devem ser registradas para posterior denúncia; preservação da integridade e liberdade coletiva, tanto dos que filmam quanto dos que são filmados. Como resultado, organizar-se para registrar tais aspectos potencializa a produção de material que apoie, no presente ou no futuro, eventuais processos, sejam eles de denúncia, de violação ou de defesa do movimento e seus integrantes diante de eventuais judicializações indevidas.

Segurança

De modo parecido e complementar às orientações jurídicas, é importante pensar a elaboração de uma cobertura/registro sempre em diálogo permanente com a comissão responsável pela segurança. Afinal, são essas as pessoas que irão avaliar e zelar pela integridade física do grupo. Além de ser relevante, tal diálogo se desenvolve em função da preservação das

peças que registram, uma vez que, em alguns momentos, a câmera se torna um modulador de ações de maneira que sua presença tem agência no modo de atuar dos interlocutores, podendo servir como inibidora de ações que violem não só o direito, mas os corpos das pessoas envolvidas.

Todos esses elementos, em confluência, contribuem para o desenho da forma como o coletivo responsável pela comunicação de determinado ato irá se organizar para cobri-lo: a posição em campo, distribuição das funções, tipo de enquadramento, duração dos planos, forma de tratar tal ou qual personagem, conteúdos prioritários e fluxo das imagens. Esses aspectos são definidos a partir de um pensamento coletivo anterior que, ao ser construído coletivamente com outras dimensões do ato em curso, irão atravessar diretamente as imagens. Naturalmente, no decorrer das ações, outros aspectos irão intervir e novas decisões serão tomadas diretamente por quem opera a câmera. Entretanto, o planejamento anterior e o diálogo permanente dão as orientações centrais que são, elas mesmas, as bases para a tomada de decisão ao filmar. Permanece viva, como indica Comolli (2001) a intervenção do real na imagem, estando os planos, os filmes e as próprias pessoas — filmados e que filmam — sujeitos a essa intervenção. Porém, ao serem pensadas enquanto elementos táticos, sendo mais um gesto a caminho da construção de uma estratégia maior (HARNECKER & URIBE, 1986) que orienta a resposta na confluência com as outras táticas em curso.

Como demonstra o diagrama a seguir, o conjunto de imagens produzidas no desenvolvimento de determinada ação está inserido em um fluxo de trabalho que, de modo geral, irá propor diferentes caminhos e destinos para os planos:

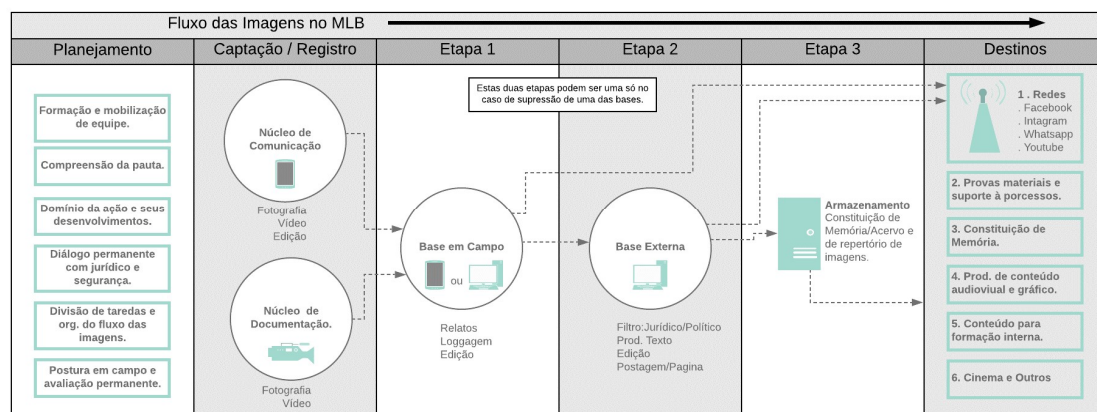


Figura 2: Fluxo das Imagens no MLB.

Fonte: Diagrama de autoria do próprio autor.

Mais uma vez, não se trata de um caminho rígido ou de uma fórmula capaz de determinar como proceder na produção de imagens em todas as situações. Ao contrário, é um esforço para sistematizar uma metodologia de trabalho que, ao ser colocada em prática, permite uma compreensão coletiva que conecta quem filma ao todo. Entretanto, se é o caso, cada passo que vemos nas cinco colunas apresentadas pode ser feito por apenas uma pessoa munida de um celular ao realizar um único plano (mas adiante darei um exemplo mais detido sobre isso). Assim, nem imagem, nem realizador e nem coletivo são elementos presos burocraticamente a uma forma de trabalho. Ao contrário, trata-se aqui de compreender que o planejamento da cobertura/registro é tão complexo quanto a própria ação, e que diferentes objetivos regem a produção de imagens e seus diferentes destinos. Ainda que uma única pessoa com uma câmera realize um único plano que possa, ele mesmo, servir como elemento de mobilização social nas redes, prova material para um processo, parte de um filme (ou um filme inteiro), conteúdo para formação e, claro, constituição de memória.

Assim, fica claro que, como sistematiza Vinícius Andrade de Oliveira (2019), no MLB como em outros movimentos,

as imagens feitas por documentaristas em colaboração com movimentos urbanos desempenham um papel tático no interior de uma luta e se relacionam muitas vezes com uma ideia mais ampla de comunicação. Essa ideia, que pode estar mais ou menos sistematizada no interior do movimento, se refere ao modo como este articula sua atuação a práticas comunicacionais que visam dar apoio à luta, seja para difundir as pautas, seja para dar visibilidade à causa, ou ainda para manter os militantes mobilizados. Ela pode envolver também o cinema, mas normalmente este é “apenas” mais um dos campos onde as imagens podem circular. A imagem pode então ser realizada por diferentes razões, com variadas motivações, de acordo com a função ou o uso que se pretende dar a ela. Essas funções surgem na sua gênese e/ou variam de acordo com os possíveis caminhos que ela poderá fazer (ANDRADE DE OLIVEIRA, 2019, p. 81-82).

Uma vez apresentado o processo mais amplo no qual as imagens estão inseridas, passo agora a alguns breves exemplos que, de modos distintos, evidenciam e potencializam as questões apontadas até aqui. Destaco mais uma vez que não há, neste trabalho, o intuito de esgotar a análise desses percursos, tampouco de se debruçar sobre aspectos formais e estéticos desses planos; ao contrário, nos interessam seus usos e processos. Nesse sentido, três conjuntos de imagens nos ajudam a pensar os diferentes caminhos que a produção audiovisual pode percorrer dentro do movimento de luta urbana:

Os dois planos realizados por Kadu Freitas, em 2015

Dois planos filmados por Kadu Freitas deixam claro que um só cineasta-militante-dirigente-camarógrafo é capaz de, em um intervalo de pouco mais de quinze minutos, realizar um conjunto de imagens que sintetizam e potencializam, em poucos gestos, tudo o que elaboramos até aqui, apresentando a complexa forma como as imagens são produzidas no bojo das lutas sociais nas quais o MLB se engendra:

1) Foram disponibilizadas na internet e, em um par de horas, haviam alcançado mais de 100 mil reproduções apenas no Facebook; 2) Tornaram-se provas materiais do excesso de violência praticada pela PMMG ao longo do ato em um pedido de Mandado de Segurança concedido pelo Superior Tribunal de Justiça em Brasília que, efetivamente, impediu que o despejo dessas comunidades fosse realizado ao longo de mais de um ano; 3) Foram ponto de partida e também constituíram parte do curta-metragem “Na Missão, com Kadu”, que rodou mais de 50 salas e sessões no Brasil; 4) A partir da repercussão desse curta-metragem e sua circulação por salas e festivais, as imagens de Kadu foram analisadas por diferentes pesquisadoras e pesquisadores de diversas áreas (BEMFICA, 2018, p.22).

Assim, imerso nos processos de lutas e consciente das diferentes nuances que envolvem o fazer político na luta das ocupações, Kadu, ao filmar a violenta repressão da Polícia Militar de Minas Gerais durante uma marcha das ocupações da Izidora em 2015, consegue, em apenas

dois gestos-imagens, condensar a potência de linguagem com todos os usos táticos que expusemos até aqui¹.

O despejo da Ocupação Manoel Aleixo e o disparo que atinge a Gabi, em 2017

No dia 1º de maio de 2017 o MLB realizou a Ocupação Manoel Aleixo na cidade de Mário Campos, RMBH. A comunidade, que teve menos de 12hrs de vida, foi violentamente despejada pela PMMG, resultando, além da remoção das famílias, na prisão arbitrária de Renato Amaral e em um ferimento grave no rosto de Gabriela Souza, a Gabi, que na época tinha apenas 14 anos e foi atingida por um disparo de bala de borracha feito a menos de 2 metros de distância². Ao longo de todo o processo as imagens jogaram um importante papel.

Em um primeiro momento, foi garantido que — mesmo estando os ocupantes em um relativo isolamento, pois se trata de uma cidade pequena nos limites rurais da RMBH — uma ampla rede nacional pudesse acompanhar em tempo real o processo pelas redes sociais. Ao todo, somando-se as redes próprias do MLB, as da comunidade e a de aliados como a Mídia Ninja, a avaliação do alcance das redes naquele dia foi de mais de um milhão e meio de pessoas. Cabendo destacar que a transmissão ao vivo daquele dia chegou a ter mais de mil espectadores simultâneos. Em um segundo momento, os planos filmados ao longo do processo serviram como provas materiais, apresentadas para a corregedoria da polícia, Ministério Público e em audiência pública na Assembleia Legislativa de Minas Gerais. Vale dizer que a longa duração e persistência dos planos foram fundamentais para evidenciar as violações policiais em curso e a inocência dos militantes. Por fim, em um terceiro momento, foram, junto com entrevistas feitas posteriormente,

1 Diversos trabalhos acadêmicos já se detiveram sobre o filme e os planos realizados por Kadu, destacam-se entre eles os de Paula de Souza Kimo (2017), César Migliorini (2017), Amaranta César (2017) e Veiga e Kimo (2017).

2 Em oportunidade anterior este caso já foi detalhadamente descrito e analisado. Para saber mais ler: “Ocupação Urbana e Despejo: entre o ritual popular e o estatal” (BEMFICA; ALMEIDA, 2018) onde analisamos, especificamente, o despejo da Ocupação Manoel Aleixo.

montados no vídeo da campanha “Sorria Gabi”, que arrecadou fundos para financiar o tratamento para recomposição do rosto e da boca de Gabriela.

“Conte Isso Àqueles que Dizem que Fomos Derrotados”, em 2018

Apesar de estar tratando aqui de imagens em movimento em uma acepção mais ampla que o cinema, esse filme perpassa diferentes momentos da trajetória da produção de imagens dentro do MLB e apresenta um modo específico de lidar com o arquivo e a memória. Realizado pelo movimento e dirigido majoritariamente por militantes, o processo de realização fílmica passou pela exibição e debate coletivo de imagens e sons realizados de 2012 até 2017 — que envolveu, para além dos diretores e diretoras, militantes, dirigentes e apoiadores com trajetória, majoritariamente, dentro do GT de Comunicação. Tendo sido iniciado após o despejo das ocupações Temer Jamais (setembro de 2016) e Manoel Aleixo, a sensação de “luto” pós derrota marcava muitos de nós e, ao mesmo tempo, havia uma saturação da violência policial que pairava entre nós e nas próprias imagens. Ao cabo de longa reflexões, debates e escolhas, a obra acabou sendo composta por imagens de três processos distintos de tomada de terreno (as duas anteriores e também a Paulo Freire, 2015) e se tornou, enquanto processo criativo e político interno, um momento de revisitação às imagens para reelaborar sobre o passado (violento e traumático), de modo a construir uma proposta de luta e de mundo pela frente.

Uma vez lançado, o filme — para além dos tensionamentos estéticos e formais, e do interesse de, enquanto linguagem, elaborar e discutir sobre as possibilidades do cinema — passou a percorrer diversas mostras e festivais e a abrir novos espaços de diálogo e atuação nos quais o MLB se insere agora com mais legitimidade, dada a restrição muitas vezes impostas a produções realizadas em contexto militante, como já exposto por Amaranta César (2017). Assim, o filme tem se consolidado como ferramenta de mobilização, articulação de redes e, principalmente, detonador de inquietações que mobilizam debates caros ao tipo de política defendida na organização frente ao presente que se impõe.

Algumas reflexões finais

Ao longo deste artigo percorri o seguinte caminho: em *O céu está pesado*, parto da ideia de Cristhine Chaves (2002) de olhar para as ocupações urbanas como gestos disruptivos que tensionam a ordem vigente para conectá-las à proposta de Didi-Huberman (2017), de olhar para imagens insurgentes como materializações da força destes levantes; a seguir, em *A imagem táctica: a produção de imagens em movimento dentro do MLB*, apresentei, a partir da experiência militante, alguns aspectos fundamentais que norteiam a realização de imagens dentro do movimento, os fluxos de sua produção e seus distintos usos.

Ao cabo deste percurso, espero ter dado conta de mostrar que, dentro do MLB, a realização de filmes está inserida em um processo complexo de produção que pensa as imagens como elementos táticos de uma luta mais ampla e enxerga as ocupações urbanas como um ato de rebeldia que rompe com a lógica dominante, propõe outros mundos possíveis e se consolidam como “motor principal da luta pela reforma urbana”, através da qual é possível “mobilizar milhares de pessoas, pressionar os governos e chamar a atenção para os problemas enfrentados pelo povo pobre nas grandes cidades” (MLB, 2014, p.16).

Em alguma medida, a experiência do desenvolvimento do trabalho com imagens em movimento — sobretudo quando pensamos sua articulação com outras áreas de interesse político e técnico do movimento — parecem confirmar que

a luta pelo direito à moradia e à cidade aproxima e catalisa a cooperação e o aprendizado entre agentes diversos. A vida cotidiana dessas ocupações constitui-se tanto como luta quanto como espaço físico e social onde emergem possibilidades de ação e criação bastante flexíveis. A urgência, diversidade e extensão dos problemas vividos e sua invisibilidade para o mercado e para o Estado, formas hegemônicas de atendimento às necessidades cotidianas, abrem portas para a colaboração social e o comprometimento político (BASTOS ET AL, 2017, p. 260).

Confirmando o que sugere Guilherme Boulos ao dizer que as ocupações “rompem com a lógica dominante, pois leva à constituição de ações

coletivas, à cooperação e à solidariedade entre os participantes, gerando valiosas experiências educativas” (2014, p. 136). Desse modo, a partir de um contínuo processo de mobilização e formação de novos agentes, paralela ao registro de atos, produção e circulação de conteúdo, caminhamos coletivamente rumo à consolidação da produção audiovisual e imagética.

Referências

ANDRADE DE OLIVEIRA, Vinícius. Intervir na História: Modos de participação das imagens documentais em lutas urbanas no Brasil. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

BASTOS, Camila Diniz; MAGALHÃES, Felipe Nunes Coelho; MIRANDA, Guilherme Marinho; SILVA, Harley; TONUCCI FILHO, João Bosco Moura; CRUZ, Mariana de Moura; VELLOSO, Rita de Cássia Lucena. Entre o Espaço Abstrato e o Espaço Diferencial: Ocupações Urbanas em Belo Horizonte. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos Regionais*, Recife, v. 9, p. 251-266, 2017.

BEMFICA, Aiano. A imagem como vestígio: uma aproximação do conflito entre os rituais de ocupação e despejo. 2018. 105 f. Monografia (Graduação em Antropologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018

BEMFICA, Aiano; ALMEIDA, Matheus. Ocupação Urbana e Despejo: entre o ritual popular e o estatal, *Ponto Urbe*, 23, 2018.

BITTENCOURT, R. R. Cidadania autoconstruída: o ciclo de lutas sociais das ocupações urbanas na RMBH (2006-15). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

BOULOS, Guilherme; DA SILVA, Claudio Rodrigues. Por que ocupamos? Uma introdução à luta dos sem-teto. *Revista ORG & DEMO*, v. 15, n. 1, 2014.

BRENEZ, Nichole. Contra-ataques. In: *Levantes*. Edições Sesc: São Paulo, 2017.

BRENEZ, Nichole. Political cinema today. New exigencies: for a Republic of Images. *Screening the past*. Set., 2013. Disponível em: <<https://bit.ly/3bGQhZj>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

BRENEZ, Nichole. Informação, contra-informação, ur-informação, fílmicas. *Revista ECO-Pós*, v. 20, n. 2, p. 211-231, 2017.

BUTLER, Judith. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CESAR, Amaranta. Que lugar para a militância no cinema brasileiro contemporâneo? Interpelação, visibilidade e reconhecimento. *Revista ECO-Pós*, v. 20, n. 2, p. 101-121. 2017.

CHAVES, Christine. A Marcha Nacional dos Sem-terra: estudo de um ritual político. In: PEIRANO, Mariza. O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

CORONIL, Fernando. Naturaleza del poscolonialismo: del eurocentrismo al globocentrismo. In: LANDER, Edgardo (org). La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000

DIDI-HUBERMAN, Georges. Através dos desejos (Fragmentos sobre o que nos subleva). In: DIDI-HUBERMAN, Georges (Org.). Levantes. Edições Sesc: São Paulo, 2017.

ESCOBAR, Arturo. La Invención del Tercer Mundo. Construcción y Deconstrucción del Desarrollo. Caracas: Fundación Editorial el perro y la rana, 2007.

HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela; DRI, Rubén R. Estrategia y táctica. Editorial Antarca, 1986.

KIMO, Paula. Modulações das Imagens Insurgentes: a variação do antecampo nos atos de disputa política. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

MIGLIORIN, Cezar; LIMA, Érico Araújo. Estética e comunidade: ocupar o inacabado. O que nos faz pensar, 2017, v. 26, n. 40, p. 203-221.

MLB. Morar Dignamente é um Direito Humano: as propostas do MLB para a Reforma Urbana. Tese do 4o Congresso Nacional do MLB. 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2KsEm53>> Acesso em: 04 jun. 2018

VEIGA, Roberta Oliveira; KIMO, Paula de Souza. Como insurgir no acontecimento pelas imagens: notas sobre uma modalidade de regime estético. *Revista ECO-Pós*, v. 20, n. 2, p. 32-52.

WALSH, Catherine. Introducción. (Re) pensamiento crítico y (de) colonialidad. Pensamiento crítico y matriz (de) colonial. Reflexiones latinoamericanas. Quito: Ediciones Abya-yala, p. 13-35, 2005.